

DIÁRIOS DE CLASSE DE UMA ESCOLA DO CAMPO: MEMÓRIAS DO COTIDIANO ESCOLAR: 1946-1954. O VALOR DOS DOCUMENTOS ESCOLARES PARA A CONSTRUÇÃO DOS PROJETOS EDUCACIONAIS

Maria dos Prazeres Coelho Waltrick **Cruz** – UNIPLAC - mariapewcruz@globo.com

Zilma Isabel **Peixer** – UNIPLAC - zilmaisabel@gmail.com

Este trabalho faz parte de uma pesquisa de mestrado em educação (em andamento), com o tema: MEMÓRIAS DA ESCOLA DO CAMPO: ESTUDO DE CASO, DAS ESCOLAS FECHADAS, COM O PROCESSO DE NUCLEAÇÃO EM SANTA CATARINA. O objetivo dessa pesquisa é através dos registros documentais e da história oral, investigar e registrar a história das escolas do campo que foram fechadas pelas políticas públicas de nucleação, contribuindo para a análise do cotidiano da escola entre as décadas de 40 e 50, e para os estudos sobre a escola e sua relação com as comunidades rurais no Brasil nesse período.

Dessa forma juntando a cultura material, que são os documentos preservados e a história oral das pessoas que viveram nesse período, (professores alunos e em alguns casos os pais) busca-se traçar um perfil da história da educação dessas escolas, até a época em que foram nucleadas. A pesquisa tem como locus de estudo o município de Palmeira em SC. Entender o processo de criação dessas escolas e seu cotidiano nas décadas de 1940 e 1950 nos permitem também entender como viviam os moradores dessas comunidades.

Dentro desta perspectiva pretende-se registrar a história das escolas que foram fechadas com a criação do núcleo municipal Maria Rosalina Henkmaier; verificar e registrar a história do núcleo criado com o fechamento das escolas do campo; delinear o significado das escolas do campo para essas comunidades; ressaltar a importância e o cuidado com a memória e os registros documentais da história da escola.

Parte da pesquisa implica na análise dos relatórios e diários de classe, o que demonstra a possibilidade do estudo histórico através de registros nem sempre considerados como relevantes na documentação escolar.

Nesses documentos observa-se um complexo levantamento das condições de vida na localidade. Nos documentos examinados constam a profissão dos pais, o grau de escolaridade, a distância da casa em relação à escola, os materiais didáticos utilizados para ministrar as aulas, relação do mobiliário, índice de aprovação, reprovação, frequência escolar, religião praticada e gênero.

Aliado aos estudos documentais procura-se também o relato das pessoas que viveram nesse período e que tiveram relação com a escola. Para Thompson, (1992), a importância crescente das fontes orais é apenas o começo de muitas mudanças que estão por vir não só no campo da história. O relato de experiências de vida de cada indivíduo, somado a tantos outros, representa uma grande rede de informação. "Essa rede é capaz de proporcionar uma nova visão sobre a história da humanidade."

Memória individual e coletiva se alimenta e tem pontos de contato com a memória histórica e, tal como ela, são socialmente negociadas. Guardam informações relevantes para os sujeitos e têm por função primordial garantir a coesão do grupo e o sentimento de pertinência entre seus membros.

Nas visitas a essas comunidades encontramos antigos professores, entre estes o senhor Elpidio José de Farias, foi professor dessa unidade de ensino, e que hoje está com 86, anos, lúcido e com muitas memórias para contar. Nas suas falas a lembrança do cotidiano e da forma de organização escolar:

“As aulas aconteciam seis dias da semana, tinha aula até no sábado, se ensinava de tudo desde aritmética a história. As crianças ficavam todas reunidas na mesma sala, não era fácil, enquanto se ensinava um o outro ficava esperando” Comenta o Senhor Elpídio.

Os relatos são fatos importantes, para se entender como era ser professor nesse período Segundo ele, *“Eu não era professor, mais sabia ler e escrever muito bem, e muitos diziam que eu era muito inteligente, depois que servi o exercito em 1945 em Curitiba, cheguei aqui e as pessoas acharam que eu deveria ser professor, pois as crianças estavam sem escola, e tudo era muito longe. Foi nessa época que me tornei professor Seguia os manuais comprados em uma livraria em São Paulo. À medida que ensinava aprendia também com as crianças, e junto buscávamos a melhor forma de ensinar e aprender”*

As lembranças transmitidas pelos mais velhos, quando transmitidas oralmente aos mais jovens é uma forma de reconstrução do passado. Narrar é resistir é fazer com que haja outras informações a respeito da realidade da época, que não estão registradas nos meios oficiais:

Senhor Elpídio enfatiza “A escola era precária não tínhamos mobiliários, mas as aulas aconteciam. Muitos de meus alunos seguiram em frente nos estudos, e de vez em quando encontro um ou outro e eles me agradecem,dizendo que venceram na

vida, foi graças ao que ensinei a eles. A escola era longe, e a grande maioria tinha que caminhar mais de quatro quilômetros. Era difícil alguém faltar às aulas, os pais cobravam muito de seus filhos. Tínhamos uma caixa escolar, e o dinheiro servia para comprar material para aquelas crianças que não tinham condições.

O que vamos descobrindo, porém, ao longo do processo, é que as narrativas não são meras descrições da realidade, elas são, especialmente, produtoras de conhecimentos que, ao mesmo tempo em que se fazem veículos, constroem os condutores. (CUNHA, 2005, p. 43).

Como salienta Bosi

Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista: pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual. O que nos parece unidade é múltiplo. Para localizar uma lembrança não basta um fio de Ariadne; é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do nosso passado. (Bosi 1999 p,413)

Nas Ciências Sociais, a pesquisa qualitativa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Trabalha com significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Ao realizar as entrevistas ressaltamos a importância da história oral.

Para Alberti

Uma das principais vantagens da história oral deriva justamente do fascínio do vivido. A experiência histórica do entrevistado torna o passado mais concreto, sendo por isso atraente na divulgação do conhecimento. Quando bem aproveitada, a história oral tem, pois, um elevado potencial de ensinamento do passado, porque fascina com a experiência do outro. Esse mérito reforça a responsabilidade e o rigor de quem colhe, interpreta e divulga entrevistas.. (2004; p, 22)

Em decorrência da nucleação, muitas escolas nas áreas rurais do Estado foram simplesmente fechadas e as crianças transferidas para escolas na cidade ou para núcleos em localidades escolhidas. O que esse fechamento das escolas implicou para essas comunidades?

Pelos documentos analisados as escolas não tinham apenas a finalidade de fornecer a educação formal. Serviam para o encontro dos moradores, onde se discutia religião, política, trabalho e lazer. Além de perderem esse espaço de unificação da comunidade, também passaram a ter que conviver diariamente com o deslocamento das crianças para o núcleo escolar, situado a mais de 30 km de algumas comunidades. A distancia pode parecer

irrelevante, entretanto há que se considerar as condições de transporte e a precariedade das estradas do interior

A educação do Campo é um movimento recente na história educacional brasileira, mas que reflete um momento de confluência entre os movimentos sociais e as políticas públicas.

Segundo Fernandes (2008), precisamos diferenciar o campo camponês do campo do agronegócio. Enquanto o agronegócio organiza seu território para produção de mercadorias, o grupo de camponeses organiza seu território, primeiro, para sua existência, precisando desenvolver, todas as dimensões da vida.

No entanto, é necessário pensar o território camponês como uma totalidade, de maneira que o seu desenvolvimento não leve a destruição de sua estrutura. Mas existe uma leitura do capitalismo agrário que vê o território camponês como uma possibilidade de transformação em território do capital:

Agronegócio é, portanto, o novo nome do modelo de desenvolvimento econômico desse conjunto de sistemas que contém, inclusive, a agropecuária capitalista. Esse modelo não é novo, sua origem está no sistema plantation, em que grandes propriedades são utilizadas na produção para exportação. Desde os princípios do capitalismo em suas diferentes fases, esse modelo passou por modificações, intensificando exploração da terra e do homem. (FERNANDES, 2008, p. 46).

Os movimentos sociais lutam por uma Educação do Campo, cuja identidade é a cultura camponesa. Nesse sentido buscam a construção de um corpo teórico e metodológico. Uma pedagogia que fundamente a reivindicação de uma educação cuja identidade é cultivada pelos próprios sujeitos que tem a terra como base e que vêm na educação, uma forma de transformação social, cultural e política da sociedade brasileira. Nas palavras de Freire

Os homens têm consciência de que são incompletos, e, assim, nesse estar inacabados e na consciência que disso têm, encontram-se nas raízes mesmas da educação como fenômeno puramente humano. O caráter inacabado dos homens e o caráter evolutivo da realidade exigem que a educação seja uma atividade contínua. A educação crítica é a “futuridade” revolucionária. Ela é profética – e, como tal, portadora de esperança - e corresponde à natureza histórica do homem. (FREIRE, 1980, p. 81).

Assim, o levantamento, o registro e a análise de experiências de escolas que atendiam populações do campo, podem nos ajudar a entender essa complexa relação entre escola e comunidade, a luta na definição de políticas públicas que valorizem os grupos locais, considerando-se sua história, suas memórias e identidades sócio, culturais e ambientais.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, Maria do Socorro Xavier. Movimentos sociais e educação popular do campo (re) constituindo território e a identidade camponesa. *In*: ALMEIDA, M. L. P.. JESINE, Edineide. (Org.). **Educação e movimentos sociais**: novos olhares. Campinas, SP: Alínea, 2007

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 2001.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade - lembranças de velhos. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

CUNHA, Maria Isabel da. O Professor Universitário na transição de paradigmas.

Elpídio José de Farias. Entrevista concedida no dia 28 de Fevereiro de 2009.

FERNANDES, Bernardo Mançano. SANTOS, Clarice aparecida dos. (org.). Educação do campo: campo, políticas públicas, educação. Brasília, DF: INCRA; 08.

FREIRE, Paulo. Conscientização: Teoria e Prática da Libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3ª ed., São Paulo, Editora Moraes, 1980.

\_\_\_\_\_. Pedagogia do oprimido. 24. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura - um conceito antropológico. 16ªed., São Paulo: Jorge Zahar Ed., 2003.

LE GOFF, J. História e Memória. 2. Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LEMOS Carlos. O que é patrimônio cultural? São Paulo: Brasiliense, 1985.  
Araraquara: Junqueira & Marin Editores, 2005.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

THOMPSON, Paul. A voz do passado. História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.